

BA

RR

RE



MEMÓRIA E FUTURO

**BARREIRO
RECONHECIDO**

DIA DA CIDADE | 28 JUNHO 2015

FICHA TÉCNICA

Título

BARREIRO RECONHECIDO 2015

Edição, Textos, Design Gráfico, Paginação, Fotografia e Impressão

DPMPDCC

Adalgisa Martins

António Marques

Guilherme Ferreira

José António

Paulo Pereira

Rogélia Costa

Sérgio Fernandes

Susana Talete

Teresa Tavares

Vera Jardim

Junho de 2015

BARREIRO
RECONHECIDO
DIA DA CIDADE | 28 JUNHO 2015



São muitos anos de Barreiro. Muita história. Muito trabalho. Muitas conquistas.
São muitos rostos. Muitas vidas. Muitos nomes. Muitos percursos.
Uns e outros somam-se. Misturam-se. Cruzam-se. Abraçam-se.
Dentro de cada dia. Construindo cada vitória. Por detrás de cada janela.
Homens e mulheres. Avançam. Fazem. Transformam.
Foi assim que chegámos aqui.
Com todos os que deitaram os pés ao caminho. Graças a eles.
Desses, o tempo e a história dão-nos a possibilidade de reconhecer alguns.
De agradecer-lhes.
De, através deles e do seu percurso, agradecer a muitos outros.
De, através deles e do seu percurso, balizar o nosso caminho.
De apontar ao nosso futuro.

Carlos Humberto de Carvalho

Presidente da Câmara Municipal do Barreiro

Desenvolvimento Económico

Administração do Porto de Lisboa



«É Autorizado o Governo: 1º A explorar por conta própria, a partir de 8 de maio de 1907, o porto de Lisboa, entregando a gerência dos respectivos serviços a um conselho de administração, sob a autoridade imediata do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria». Estará no artigo 1º da Carta de Lei de 11 de março de 1907, no reinado de D. Carlos, a gênese do que hoje é a APL - Administração do Porto de Lisboa.

Atualmente, no plano flúvio-marítimo, a sua área de jurisdição soma 32500 hectares. A nível terrestre, cobre 110 km ribeirinhos, de 11 concelhos, entre os quais o Barreiro. A relação entre os dois, dir-se-ia, por isso, é "instantânea", "espontânea", "natural".

O Barreiro está intimamente ligado ao Tejo e ao Coima. Cresceu com eles. A zona ribeirinha e as atividades a ela ligadas fazem parte do ADN das suas gentes.

"Cidade Região", "Cidade das Duas Margens", "Cidade Polinucleada" ou "Cidade das Cidades", o Tejo, já foi dito, pode ser um elemento aglutinador das duas margens.

A APL tem, nesta altura, em marcha o Plano de Reordenamento da Plataforma Multimodal do Porto de Lisboa e Ligação à Rede Transeuropeia de Transportes (corredor Atlântico), o qual envolve, profundamente, o Concelho. Este Plano contempla a Plataforma Multimodal do Barreiro/Terminal de Contentores, que tem reunindo consensos, e, já foi reconhecido, pode dar um impulso determinante à Região e ao País, reforçando a sua posição estratégica internacional. Ao Concelho têm vindo, regularmente, inúmeros responsáveis de instituições nacionais e estrangeiras e especialistas proporcionando a oportunidade de, *in loco*, contactarem com o terreno, onde se prevê construir a infraestrutura, e avaliar as potencialidades.

Este Plano de Reordenamento da Plataforma Multimodal do Porto de Lisboa prevê, ainda, a recuperação do Terminal do Seixal, um Terminal de Cruzeiros e Marina do Tejo na

margem norte, e a navegabilidade do Rio até Castanheira do Ribatejo.

A APL tem sido parceira em múltiplas iniciativas. Em acordos/protocolos - envolvendo, ainda, entidades como Baía do Tejo, Infraestruturas de Portugal (Estradas de Portugal/REFER), Ordem dos Arquitectos e Câmara Municipal de Lisboa - e na promoção do Ciclo de Debates "Plataforma Multimodal do Barreiro/Terminal de Contentores - Visão e Futuro", juntamente, também, com Infraestruturas de Portugal e Baía do Tejo, que tem trazido ao Barreiro um vasto leque de personalidades, proporcionado uma ampla discussão sobre a temática.

A APL é, também, parceira na Reabilitação da Proteção Marginal do Passeio Augusto Cabrita. Reconhecendo a importância da frente ribeirinha para as populações, Câmara Municipal do Barreiro e APL têm envidado esforços para que a sua recuperação seja uma realidade. Este projeto é mais um contributo para a aproximação da população à sua frente de Rio - para a melhoria da relação da cidade com o rio, uso da frente ribeirinha por parte da população, utilização do espaço público com maior amplitude e melhoria das condições para o peão.

Pelo seu empreendedorismo, dinamismo, proação, contributo para a promoção do desenvolvimento económico e social do País, parceria, a Câmara Municipal do Barreiro tem a honra de atribuir o Galardão Barreiro Reconhecido 2015, na Área do Desenvolvimento Económico à Administração do Porto de Lisboa.

Ação Social, Solidariedade e Multiculturalidade

Pedro Luqueia de Santarém



Nasceu em Angola, no distrito de Vije, a 29 de junho de 1957. Com apenas quatro anos assistiu a violentos momentos da Guerra Colonial, minorados pela solidariedade dos militares do esquadrão 122, da Escola Prática de Cavalaria de Santarém. Encontraram-no perdido, à beira do rio Luqueia. Ensinarão-lhe português, criaram laços de afeto que perduram até hoje. “Batizaram-no” com o nome do Santo Pedro, do rio que o viu crescer, e da cidade da qual o esquadrão era oriundo.

Em Portugal foi adotado por Maria Angelina, igualmente sua professora do ensino primário. Viveu a infância em Alhais, Vila Nova de Paiva, distrito de Viseu, no seio de uma família que o acolheu de braços abertos e lhe deu amor.

Anos mais tarde, em Lisboa, seguiu os estudos nos Pupilos do Exército, sob a orientação de seu tio. É identificado com o “nº 10 de 76” e lá permaneceu até aos 19 anos, cumprindo, de seguida, o serviço militar em Sacavém.

Em 1979, veio morar para o Barreiro para iniciar a sua vida profissional no Município, onde foi admitido como técnico de higiene e limpeza.

Impulsionado por uma vontade de aprender mais, prosseguiu os estudos em horário pós laboral, e completou a licenciatura em Engenharia Mecânica, no Instituto Superior Técnico, sendo hoje responsável pelo núcleo de rede viária da Autarquia Barreirense.

Em 1994, fundou a Associação Africana com sede no Bairro Alfredo da Silva. Norteada pelo lema “Barreiro é moda”, tem, ao longo dos anos, apoiado as associações de imigrantes moldavos, angolanos, guineenses, moçambicanos e brasileiros. Das suas inúmeras atividades destacam-se os bailes do Nicola e os desfiles de Carnaval e de Moda.

No sentido de promover a interculturalidade entre imigrantes do Concelho do Barreiro, levou a associação a organizar, com sucesso, o evento “Cores, Sons, Sabores e

Saberes”, em 2010. Ao longo do tempo, a iniciativa foi crescendo e deu origem, este ano, ao VI Festival Encontros. São três dias de festa e partilha de diversas culturas, numa organização conjunta da Câmara Municipal do Barreiro, associações de imigrantes e da RUMO, no âmbito do Projeto Municipal Identidades – Encontro de Culturas. Orgulha-se de fazer parte da organização deste evento. Acredita que “as pessoas são todas iguais e por isso devemos valorizá-las, para tornar o Barreiro ainda mais bonito”.

Está ligado, desde 1991, à Associação SOS Racismo, na luta contra o racismo e a xenofobia.

É casado com Ausenda Rodrigues e é pai de dois filhos. A sua vida é relatada numa das 12 histórias do livro “Pai Tiveste Medo?”, de Catarina Gomes, e nas reportagens “Menino de Angola, Filho da Guerra”, da rádio TSF; “O menino de Angola que a Guerra adotou”, do jornal “Emigrante/Mundo Português,” e “As Duas Faces da Guerra”, de Rita Mascarenhas, da SIC. Foi, ainda, o convidado do programa da SIC “Vida Nova”, de Fátima Lopes.

Pelo seu empenho numa melhor integração dos povos imigrantes na sociedade, a Câmara Municipal do Barreiro tem a honra de entregar a Pedro Luqueia de Santarém o Galardão Barreiro Reconhecido 2015, na área da Ação Social, Solidariedade e Multiculturalidade.

Cultura, Artes e Letras

Jorge Miguel Cecília Moniz



Baterista, pianista e compositor.

Barreirense de paixões cruzadas, Jorge Moniz é, aos 41 anos, um músico insatisfeito, inquieto e surpreendente. Nasce a 10 de setembro de 1973 e o seu percurso começa no tempo dos sonhos quando, sem conseguir explicar, se sente preso à música. Ao início era a dos outros, depois passou a ser a sua. As influências surgem como memórias de uma infância feliz, ligada ao Alentejo originário da mãe, e à ilha dos Açores de onde veio o pai. Das origens recorda, ainda, os tios avós, todos músicos.

Incapaz de seguir um só caminho, consome sonoridades distintas que vão do rock, ao blues e à pop, passando pela bossa nova e pela música erudita, mas é no jazz que encontra as *Deambulações* que escolhe para mostrar ao público como 1º álbum, em 2010.

Quatro anos depois brilha uma *Inquieta Luz* no panorama do jazz português.

Com um surpreendente e multidisciplinar percurso académico, reflexo das coisas que lhe interessam, Jorge Moniz dá início aos estudos oficiais em 91, na Academia de Amadores de Música de Lisboa. Ainda nesse ano ingressa na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal. Segue-se a Escola de Música do Conservatório Nacional onde completa, em 3 anos, os 8 de formação musical. Estuda piano e bateria, em paralelo, e em linguagens diferentes. Faz o ensino clássico e o conservatório, ao mesmo tempo que está no Hot Clube e é bolsheiro da Câmara Municipal do Barreiro. Em 95, ingressa na Escola Superior de Música de Lisboa onde estuda composição e história da música do século XX. Conclui em dezembro de 99 a Licenciatura no curso de Composição Musical. Em 2007, termina o Mestrado em Etnomusicologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Vai às origens maternas e apresenta uma tese sobre Cante Alentejano, num estudo de caso do Grupo Coral Os Ceifeiros de Cuba. Atualmente frequenta o Doutoramento em Artes, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e ainda tem tempo para o curso de estudos fílmicos na Escola Superior de Teatro e Cinema.

Quando olha para trás considera que foi demasiado tardio o seu início nos estudos. No Barreiro não havia escolas de música. Mas havia futebol, basquetebol, ginástica e bandas de garagem. Uma delas, *O Soberano Veste Chanel*, foi determinante. Tão importante como João Nortadas. Ainda

hoje acredita que o pai lhe comprou a primeira bateria, aos 15 anos, por influência deste último. Mas o órgão, e talvez por influência materna, foi oferecido aos 6.

Catagórico, desmente que não se encontre na música um futuro profissional.

Esforça-se por manter o equilíbrio entre as aulas que ministra, em escolas conceituadas, e os projetos pessoais. Entre 1989 e 2000 encontramos-lo na Escola Profissional de Música de Almada. É, desde 1998, Diretor Pedagógico na Escola de Jazz do Barreiro, onde assume, simultaneamente, o ensino de Bateria e de Formação Musical. Exerce, no ano letivo 2000/01, o cargo de Diretor Pedagógico no Conservatório Regional de Setúbal e leciona, desde 2002, bateria, solfejo e treino auditivo na Escola de Jazz Luís Villas-Boas do Hot Clube de Portugal (faz parte dos seus corpos dirigentes entre 2005 e 2007.) Em 2009, leciona a disciplina de Jazz na Escola de Música do Conservatório Nacional e, no ano letivo 2009/10, leciona no Instituto Piaget, em Almada, a cadeira de Improvisação. Atualmente é docente no Conservatório Regional de Setúbal, na Universidade Lusíada de Lisboa, na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal e na Escola de Jazz do Barreiro, de que é fundador. Esta coordenação dá-lhe trabalho e preocupação. Dos 30 alunos iniciais, hoje conta com cento e dez. Um pouco em contracorrente com o panorama do ensino de música nacional. Sente-se orgulhoso e gratificado. Tem uma relação afetiva com esta escola, um pouco umbilical, daquelas que se têm com um filho.

Mas, por vezes, as 24 horas não chegam. Recusa convites. Na música está por amor. Guia-o o coração, mas não encontra sossego. Eterno insatisfeito procura no Alentejo a paz de fim-de-semana. Aí consegue *desligar*. Se a vida fosse uma música, talvez a dele pudesse ter tradução numa Mazurka de Chopin.

Os seus projetos são janelas por onde nos deixa espreitar. E tem muitos. Uma mão cheia deles, num cruzamento de cultura e tradições a que gosta sempre de voltar. E o facto de não lidar bem com o sucesso não o impede de ser bem-sucedido.

O futuro? É para abraçar, com talento e empenho, todos os dias.

Pela excelência do trabalho produzido, dentro e fora do Concelho, a Câmara Municipal tem a honra de atribuir a Jorge Miguel Cecília Moniz o Galardão Barreiro Reconhecido 2015, na área da Cultura, Artes e Letras.

Trabalho

Eurico Nuno Magalhães Garrido



Eurico Nuno Magalhães Garrido nasce a 21 de fevereiro de 1940, em Vila Nova de Gaia.

Cedo aprendeu a ler, por influência familiar e motivado pela recheada biblioteca do pai, um autodidata. A par de muitos livros escondidos da censura descobre *Olhaios Lírios do Campo*, de Érico Veríssimo. Romance urbano, narra a história de um rapaz de origem humilde que consegue formar-se em medicina. Quando conhece o autor brasileiro, de passagem por Portugal, atreve-se e fala com ele. Decide o seu futuro. Irá ser médico.

Conclui a licenciatura em Medicina pela Universidade de Coimbra em 1964, tem 24 anos. Durante o curso desempenha cargos e funções que provam a confiança dos colegas. Chega a representar Coimbra em negociações com um ministro de Salazar. Conhece aquela que viria a ser sua mulher. O curso é comum, formam-se no mesmo dia e casam pouco tempo depois.

De Moçambique chega uma carta informando a mulher de que a bolsa de estudo em Portugal obriga ao cumprimento de 5 anos profissionais na terra natal.

A decisão está tomada. Vão os dois.

Especialista em cirurgia, Eurico Garrido é, à época, interno de Neurocirurgia no Centro Hospitalar de Coimbra e assistente do professor Bártholo do Valle Pereira. Perante a despedida o professor envia-o ao Porto para conhecer Giesteira de Almeida, o futuro Diretor do Serviço de Cirurgia na Universidade de Lourenço Marques. Professor universitário, Giesteira de Almeida procurava jovens assistentes de qualidade para o acompanhar. Eurico Garrido despede-se de Portugal em abril de 1966 e embarca para Moçambique.

Tinha 26 anos e uma *alergia* intelectual e política em relação a África. No entanto, sente-se por lá muitíssimo bem. E foram 8 anos. Conhece gente interessante. Faz amigos.

Durante a sua estada em Moçambique, e com a abertura do hospital da Universidade, em 1967, entra para o corpo docente, como assistente de cirurgia. Em 1970, chamado a cumprir o serviço militar, é mobilizado como cirurgião. De agosto de 1970 a outubro de 71 esteve em Tete. Depois em Mueda. No total fica ausente do Hospital da Universidade cerca de dois anos e meio. Regressa em setembro de 72 e acumula com o ensino na universidade em que era reitor Veiga Simão.

No 25 de Abril de 1974 encontra-se dividido. Mas vem assistir ao Primeiro de Maio e conclui.

“Se não voltar para Portugal morro!” Volta em definitivo em novembro de 74.

Abraça o mercado de trabalho. Integra concursos públicos para hospitais e constrói, com bases sólidas, uma carreira profissional onde não cede a propostas menos honestas, e não mistura a

amizade nem as suas convicções ideológicas com relações profissionais. Esta postura de rigor faz com que seja reconhecido pelos seus pares.

As grandes cidades estão ausentes do seu percurso profissional. Nunca as escolheu. Sente-se bem em meios mais pequenos. Gosta de ser tratado pelo primeiro nome. Antes do Barreiro, exerce medicina em Torres Novas, de 1975 a 1981.

Quando surge a decisão política de construir, no Barreiro, um hospital com capacidade para 500 camas, Eurico Garrido é convidado para Chefe do Serviço de Cirurgia. Disse que sim, ficaria por seis meses. Ficou 25 anos.

Encontra um hospital primário, sem diferenciação. Um pequeno posto de atendimento e pouco mais. Deitou mãos à obra.

No exercício do cargo de Diretor Clínico coordena, de 1985 a 87, a transferência dos serviços que, entretanto tinham sido alargados.

Ainda no ‘velho’ hospital, Eurico Garrido é responsável pela abertura do serviço de urgência hospitalar, facto que faz coincidir com a chegada de 15 novos especialistas à instituição.

Já nas novas instalações, Eurico Garrido consegue que o Ministério da Saúde autorize a vinda de outros vinte profissionais. Entusiasma-se. Faz de tudo um pouco. Numa altura fica a coordenar a cirurgia geral, a ortopedia, a ginecologia, o otorrino, a oftalmologia e a plástica. Divide o seu tempo. Como médico exerce de manhã. A gestão do hospital é deixada para a tarde. Viu crescer muito médicos, ajudou na formação de outros tantos. Não são menos de trinta, só no Barreiro. Esta é, afetivamente, a sua terra número 1.

Dois anos depois de ter chegado já se sentia barreirense. E orgulha-se de ter aberto, a todos, as portas de um hospital onde os artistas barreirenses começam a expor e convidados de renome nacional fazem conferências sobre assuntos não médicos.

Cessa, em 2003, por aposentação, as funções de Diretor Clínico do Hospital de Nossa Senhora do Rosário, mas continua por cá. Mantem um consultório, essencialmente como forma de ligação ao Barreiro. Pelo prazer que lhe dá tratar dos doentes que cá deixou. Prémios e títulos, foram muitos. De Cirurgião, pela Ordem dos Médicos, em 1970, e de Profissional do Ano, em 2007, pelo Rotary do Barreiro, por exemplo.

Eurico Garrido gosta da profissão que abraçou. Deixa as avaliações para os outros. E deixa, também, uma certeza, podem continuar a contar com a sua amizade pelo Barreiro.

Pelo profissionalismo, empenho e dedicação revelados ao longo de toda uma vida dedicada ao exercício da Medicina, a Câmara Municipal do Barreiro tem a honra de atribuir a Eurico Nuno Magalhães Garrido o Galardão Barreiro Reconhecido 2015, na área do Trabalho.

Educação

Arlete Cruz



Maria Arlete Pereira da Cruz nasce a 20 de janeiro de 1959 em Angola, tendo vindo para Portugal aos 16 anos. Frequentou o ensino secundário na Escola de Casquilhos, no Barreiro, e no Liceu Rainha D. Leonor, em Lisboa. Licenciou-se em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1982, quando acabou o curso, integrou um projeto de cooperação técnica e científica entre o Governo português e a República da Guiné-Bissau e iniciou a carreira, no ano letivo de 1982/83, como professora cooperante neste país africano.

Sem antes ter equacionado o ingresso na carreira docente, sentiu, com esta experiência profissional, que estava ali para servir os outros e que tinha alguma vocação para partilhar os seus conhecimentos. No ano seguinte, foi dar aulas para Santiago do Cacém e aí consolidou a sua vocação e abraçou, de facto, a carreira docente. Lecionou em escolas do Barreiro e, posteriormente, exerceu funções de animação cultural no Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, em Setúbal.

Em 1988, regressa ao ensino, como Professora de História, na Escola Secundária de Santo André, de onde nunca mais saiu. Em 1995, começou a exercer funções na Direção da Escola, cargo que mantém há 20 anos, atualmente como Diretora do Agrupamento de Escolas de Santo André.

A par desta função, ministrou, de 1997 a 2005, aulas de História Económica e Social no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Técnica de Lisboa, após ter completado o Mestrado em Antropologia, com especialização em Estudos Africanos.

No seu currículo inclui ainda a publicação de livros e artigos na área de História e o doutoramento em Administração Educacional.

Na Direção da Escola Secundária de Santo André abraçou largas dezenas de projetos nacionais e internacionais que colocaram a escola na rota do conhecimento público. É com entusiasmo e motivação que acolhe e dinamiza os projetos, que impulsionam, na sua opinião, a criação e o dinamismo na escola.

Defensora de uma gestão aberta e participada, Arlete Cruz dedicou a sua vida profissional ao ensino, nomeadamente à Escola Secundária de Santo André, como docente e como Diretora. Continua, como há três décadas, a não conhecer a palavra desmotivação. Continua a emocionar-se e a usar os meios ao seu alcance para resolver os problemas dos alunos que sabem que, no gabinete da Diretora, podem desabafar e encontrar soluções.

Afirma com naturalidade que não consegue dizer que esse problema não é seu. “Acho que tenho uma missão que é trabalhar para a escola pública. Enquanto tiver forças, é meu dever e obrigação trabalhar. Se eu puder estar aqui para ajudar os miúdos acho que tenho de ficar”.

É com esta atitude que Arlete Cruz dirige o Agrupamento, ultrapassando dificuldades e retrocessos impostos ao ensino.

Pelo seu percurso profissional em prol da educação no Concelho do Barreiro e pela defesa dos valores inerentes à escola pública, a Câmara Municipal do Barreiro tem a honra de atribuir a Arlete Cruz o Galardão Barreiro Reconhecido 2015 na área da Educação.

Associativismo

António Farinha de Lemos

(a título póstumo)



Nasceu a 13 de julho de 1947, em Zebreira, Concelho de Idanha a Nova, onde passou a infância e juventude, tendo concluído o 3º ciclo do curso geral no liceu Nuno Álvares Pereira, em Castelo Branco.

Quando veio viver para o Barreiro, em 1966, deu início à sua longa carreira profissional como 3º Escriturário na Caixa de Previdência do Pessoal da CUF e Empresas Associadas. Casou em 1973, com Maria Romana Lemos e constituiu família, tendo sido pai de dois filhos (Pedro e Mónica).

Nos anos seguintes, veio a desempenhar cargos de coordenador nos postos médicos de Albarraque, Mitrena e Setenave. A partir de 2000, foi responsável pelos serviços de apoio administrativos e geral dos Centros de Saúde do Barreiro e Quinta da Lomba.

Desde 1982, e durante mais de uma década, desempenhou diversas funções de dirigente desportivo no Galitos Futebol Clube, designadamente os cargos de Presidente de Direção e Presidente da Assembleia Geral, facto que lhe valeu homenagem da Câmara Municipal do Barreiro, em 1987, “pelo seu dedicado trabalho em benefício do desporto e da juventude do Concelho”.

Foi depois agraciado pelo Clube com um louvor em Assembleia Geral, em 1989, e distinguido pela Associação de Futebol de Setúbal que o aprovou como Sócio de Mérito, em novembro de 1991.

A sua experiência como jogador de futebol, inscrito na Associação de Futebol de Setúbal e federado pela Federação Portuguesa de Futebol, desde a época de 1968-1969, permitiu-lhe passar os seus ensinamentos às camadas mais jovens, como treinador no Galitos Futebol Clube, por 15 épocas desportivas.

Como autarca, ajudou a dinamizar o movimento associativo. Foi eleito para o Executivo da Junta de Freguesia de Santo André, por três mandatos, de 1998 a 2009. Nas últimas eleições de 2013, foi eleito primeiro Secretário da

Assembleia de Freguesia, da União de Freguesias de Palhais e Coina. Nessa altura, organizou múltiplos eventos relacionados com o desporto e associativismo, com destaque para os Jogos da Juventude, considerados pelo Jornal Rostos uma “grande festa do desporto popular”, que incluía as modalidades de Atletismo, Caminhada, Futebol, Minibasquetebol, Pesca Lúdica, Xadrez, entre outras. Em 2012, foi eleito Presidente da ARPISA – Associação de Reformados e Pensionistas de Santo André – onde ajudou a organizar atividades no âmbito da saúde, qualidade de vida, envelhecimento ativo e ocupação dos tempos livres da população sénior.

Contribuir para uma sociedade civil, cada vez melhor. Seguiu este objetivo até ao fim da sua vida, em todos os desafios extra profissionais que abraçou.

Por um percurso de vida dedicada ao Associativismo do Concelho, ao longo de mais de três décadas, a Câmara Municipal do Barreiro tem a honra de atribuir a António Manuel Farinha de Lemos, a título póstumo, o Galardão Barreiro Reconhecido 2015, na área do Associativismo.

Desporto

António Bambo Cassamá



António Bambo Cassamá nasceu a 19 de março de 1938, na Guiné-Bissau, onde iniciou a sua carreira futebolística. Aos 25 anos parte para Portugal não mais voltando à sua terra natal. No Barreiro, terra que adoptou como sua, cumpre o sonho de jogar futebol profissionalmente.

Em setembro de 1963, recém chegado do Balantas, clube filial do Belenenses, Bambo, defesa direito, representa o Luso Futebol Clube. Depois, foram sete temporadas no Grupo Desportivo da CUF – Companhia União Fabril, ao serviço do qual jogou ao mais alto nível competitivo e ajudou a escrever algumas das páginas douradas da história do emblema do Lavradio.

Bambo recorda a épica eliminatória da Taça dos Clubes de Cidades com Feiras – que antecedeu a Liga Europa –, com o AC Milan, em 1965, que obrigou a um terceiro jogo de desempate para apurar quem seguia na prova e, desafortunadamente, acabou por ser o clube italiano. Em 1964/65, já contribuíra para o 3º lugar da classificação no Campeonato Nacional da 1ª Divisão, na altura, competição máxima da modalidade.

Em 1971/72 transfere-se para o Montijo, onde, também joga no escalão primodivisionário. No final da quarta época desportiva, coloca um *ponto final* na carreira como atleta.

Pela CUF passou, também, como treinador, de juvenis e juniores, tendo sido, ainda, técnico nos seniores do Banheirense, Cartaxo e Palmela.

Como *momento inesquecível* da sua carreira desportiva, elege o ingresso no Luso Futebol Clube e no Grupo Desportivo da CUF.

A adaptação ao País não foi fácil. Bambo manifesta o seu profundo agradecimento a quem o recebeu e ajudou na integração. “Só tenho que dizer bem de toda a gente. Só posso dizer...”

Recorda, comovido, o seu amigo Francisco Seixo – “tratava-

me como se fosse um filho” – e agradece o apoio dos treinadores João Faia, Manuel de Oliveira e João Mário.

António Bambo Cassamá é casado há, quase, meio século com uma alentejana, que conheceu no Barreiro. Aqui reside desde que pisou solo luso. Tem seis filhos e 19 netos. Uma família espalhada pelos “quatro cantos do mundo”.

Motorista de profissão, quando chega a Portugal, Bambo ingressa, de imediato, no serviço de transportes da CUF. Mais tarde passa pelo Município do Barreiro.

Guarda muitas recordações. Muitas medalhas e faixas mas, igualmente, muitas memórias. “Foi bom”. Assim resume a sua longa vida desportiva.

Pelo seu desempenho, dedicação, exemplo, postura, a Câmara Municipal do Barreiro tem a honra de atribuir a António Bambo Cassamá o Galardão Barreiro Reconhecido 2015, na área do Desporto.

Resistência Antifascista, Democracia, Cidadania e Luta pela Liberdade

Padres Operários do Lavradio



Joseph Poiron
(a título póstumo)

Rodrigo Mendes

Luís Ferreira

Manuel Crespo

**Constantino
Alves**

No início dos anos 70, Portugal ainda vivia em ditadura, despojado da liberdade de reivindicar, de opinar, de decidir. Os baixos salários, as más condições de trabalho, a pobreza eram uma realidade. Numa terra como o Barreiro, mais propriamente no Lavradio, esta realidade era bem visível na vida de centenas de operários das fábricas e das suas famílias. Foi neste contexto que os Padres Rodrigo Mendes e Joseph Poiron, ambos com atividade profissional na área da educação, iniciaram uma ‘missão’ na Paróquia do Lavradio, uma ‘missão’ que foi muito além daquela que se impunha pela Igreja Católica.

Em 1970, os dois Padres assumiram a Paróquia do Lavradio, juntamente com um conjunto de seminaristas, desenvolvendo a sua ação numa grande proximidade com a população, constituída, na altura, por muito operários católicos.

Juntamente com dois dos seminaristas, Manuel Crespo, operário na Lisnave, e Luís Ferreira, fresador mecânico na Standard Elétrica e, depois na Equimetal, no Barreiro, facilitavam, dentro da igreja, as clandestinas reuniões sindicais, nomeadamente dos metalúrgicos, davam guarida a militantes políticos perseguidos pela PIDE e apoiavam na fuga para o estrangeiro. Passavam a sua mensagem, não apenas nas homilias, mas fora delas, no dia-a-dia, no contacto direto com o povo, com quem mais necessitava de apoio espiritual e físico. E a mensagem era simples e tem tudo a ver com o princípio do Evangelho, na sua origem. Tal como Jesus, colocavam a Igreja perto e ao serviço do povo, dos trabalhadores, e não das classes dominantes.

A sua atitude, a sua luta pelas liberdades fundamentais do povo português, e também pela autodeterminação dos povos do Ultramar, trouxe, naturalmente, ‘dissabores’ com a polícia política do regime ditatorial, ao ponto, por exemplo, de haver agentes da PIDE a assistir às missas.

Esta atitude e o papel ativo nos anos setenta na transição para um regime democrático, manteve-se após o 25 de Abril de 1974, com a intervenção de mais um Padre na Paróquia do

Lavradio, Constantino Alves, também ele, na altura, operário na Socarmar, na antiga Quimigal, com um percurso sindical e de forte intervenção social em bairros carenciados.

A solidariedade operária, política, sindical pautou o trabalho destes cinco padres que exerceram funções no Lavradio, junto da população, compreendendo os seus problemas, lutando, juntamente com o povo, pela conquista dos direitos humanos fundamentais da liberdade e de melhores condições de vida.

Cada um seguiu o seu caminho, noutras paróquias, noutras fábricas, ao serviço da liga operária católica, no ensino ou no seminário, mas a forma de estar na vida e a mensagem que transmitem a seminaristas e fiéis continuaram as mesmas: estar perto das pessoas, do povo, intervir junto da população mais carenciada, lutar pela dignidade e liberdade do ser humano.

Pelo trabalho desenvolvido na Paróquia do Lavradio e pela atitude solidária que pautou a sua intervenção, a Câmara Municipal do Barreiro tem a honra de atribuir aos Padres Operários do Lavradio - Joseph Poiron, a título póstumo, Rodrigo Mendes, Manuel Crespo, Luís Ferreira e Constantino Alves - o Galardão Barreiro Reconhecido 2015, na área da Resistência Antifascista, Democracia, Cidadania e Luta pela Liberdade.

